

CONCEÇÕES E REPRESENTAÇÕES DE CRIANÇAS E DE PROFESSORES EM FORMAÇÃO ACERCA DOS ANIMAIS: DAS SIMILARIDADES AOS DESAFIOS COLOCADOS

António Almeida | ajcalmeidageo@gmail.com

Escola Superior de Educação de Lisboa / Centro de Geologia da Universidade do Porto

Conceição Lança | clanca@eselx.ipl.pt

Escola Superior de Educação de Lisboa / Centro Interdisciplinar de Estudos Educacionais

Carolina Gonçalves | carolinag@eselx.ipl.pt

Escola Superior de Educação de Lisboa / Centro Interdisciplinar de Estudos Educacionais

Resumo

É consensual que as atitudes e os comportamentos dos professores são um dos fatores que influenciam a postura das crianças nos mais diversos aspetos da sua vida quotidiana. As concepções e representações acerca dos animais não são por isso exceção a este princípio. Este estudo procurou comparar as perceções de 210 crianças do 3.º e do 4.º ano provenientes de 6 escolas da região de Lisboa e do Porto com as de 82 estudantes do Curso de Mestrado em Ensino do 1.º do 2.º Ciclo do Ensino Básico. Para tal, foi aplicado um mesmo questionário que contemplava 25 animais, sendo os sujeitos convidados a manifestar o seu grau de simpatia através de uma escala que variava entre 7 e -7. O questionário foi devidamente validado e pilotado antes da sua aplicação. Para cada animal foi calculado o valor médio obtido e o desvio padrão em cada uma das amostras consideradas. Os resultados impressionam pela sua similaridade, quer a nível do ranking final dos animais quer daqueles que apresentam um maior valor de desvio padrão. A título de exemplo, dos cinco animais mais apreciados quatro foram os mesmos nas crianças e nos adultos, e a mesma tendência se verificou entre os menos apreciados. De igual modo, três dos animais cujos resultados apresentaram um maior desvio-padrão foram os mesmos. Após a apresentação destes resultados aos alunos que frequentaram a unidade curricular de Didática das Ciências da Natureza do referido curso no ano letivo de 2011/2012, e que igualmente fizeram parte da amostra, foram delineados pequenos projetos de intervenção que visaram melhorar a imagem de alguns dos animais. O principal objetivo destes projetos foi desde logo proporcionar uma maior compreensão do papel ecológico dos animais menos queridos e proporcionar formas de abordar esse papel com as crianças do 1.º e do 2.º ciclo. Simultaneamente, procurou-se que o trabalho desenvolvido fosse suficientemente marcante nos estudantes do ensino superior para que os mesmos evitassem no futuro muitas das ideias negativas que os

professores transmitem em relação a alguns animais em contexto de sala de aula, muitas delas no âmbito do denominado currículo oculto.

Palavras-chave: concepções acerca de animais, crianças do 1.º ciclo, professores em formação inicial.

Introdução

As atitudes e comportamentos dos professores são um dos fatores que influenciam a postura das crianças nos mais diversos aspetos da sua vida quotidiana. Se o modo como as diferentes formas de vida são percecionadas decorre das múltiplas vivências da criança proporcionadas ao nível da sua socialização primária, o contacto com as ideias veiculadas pelos professores não deixa igualmente de constituir uma via relevante, senão das mais relevantes. A maioria das crianças em idade escolar passa muitas vezes menos horas em contacto com a família do que com o seu professor, o que permite que este influencie o modo de pensar das crianças, por vezes de uma forma determinante, tanto através de ideias que transmite de forma deliberada como não deliberada no âmbito do denominado currículo oculto. A título de exemplo, e condicionados por uma visão instrumental das outras formas de vida que parece em igual modo dominante na sociedade, os professores tendem a hierarquizar os animais, tendo frequentemente e como único critério o que deles podemos ou não usufruir de forma direta. Também através de expressões depreciativas ou de agrado, ou mesmo de comportamentos reveladores do grau de empatia que as diferentes formas de vida lhes provocam, veiculam as suas ideias às crianças, com reflexos no modo como estas percecionam os animais. Em virtude desta e de outras influências, as crianças catalogam-nos ora como nojentos ou queridos ou utilizam outras classificações duais simplistas, como “são bons” ou “são maus”, sem que as mesmas decorram de uma compreensão correta das suas características.

Enquadramento teórico

Desde que Kellert (1980, 1989) identificou as perceções dos norte-americanos acerca de um conjunto de animais, vários outros estudos têm sido levados a cabo em vários pontos do globo para verificar o grau de empatia das pessoas para com diferentes espécies ou grupos taxonómicos (Driscoll, 1995; Bjerke & Ostdahl, 2004; Prokop *et al.*, 2008, entre outros). Os resultados pautam-se por alguma uniformidade, e é notório que, em termos gerais, os grandes mamíferos, com destaque para os animais da savana, e os animais de estimação e domésticos se encontram entre os animais mais

populares. No extremo oposto, surgem os invertebrados, porque diferem na sua morfologia de forma significativa do ser humano, e também animais que são percebidos como de alguma forma perigosos para a integridade física ou bem-estar do ser humano, por serem causadores de doença por via direta ou indireta, por causarem danos económicos ou, simplesmente, porque a sua má reputação, nem sempre fundamentada, foi sendo construída por influência dos media, ou fruto de mitos e superstições por vezes seculares.

Esta hierarquização é acentuada, no caso das crianças, através da literatura para a infância. Os autores, ao recorrerem a processos de antropomorfização dos animais, acabam por acentuar a distinção entre as espécies mais queridas e as mais odiadas. Também o uso simbólico dos animais em brinquedos, material escolar, mobiliário e outros elementos decorativos, acentua a referida distinção, não sendo por acaso que são escolhidas determinadas espécies em detrimento de outras.

É verdade que a perceção acerca dos animais não é imutável. Nas últimas décadas, alguns seres vivos têm vindo a recuperar da sua imagem negativa, como pode ser facilmente exemplificado para os casos da baleia, do lobo ou do morcego (Almeida, 2007), embora esta recuperação não tenha ainda ocorrido no caso de outros seres vivos. Veja-se para cada um dos animais citados o que mudou, ou tem vindo a mudar, em termos da sua perceção por parte de um número crescente de seres humanos, pelo menos nas sociedades de modelo ocidental. Vistas como monstros durante o século XIX, as baleias foram dizimadas durante décadas. A caça à baleia, embora persistindo em alguns países, tem vindo a ganhar opositores de forma crescente. Após estudos de cognição animal, as baleias são consideradas seres inteligentes com vidas sociais complexas. Em muitos locais, a caça à baleia foi substituída pelo *whalewatching*, atividade que trocou o arpão pelos binóculos. Odiado, e considerado um dos animais mais perigosos, o lobo tem sido caçado por desporto ou por necessidade de proteção do gado, o que conduziu à sua extinção em muitos países ou o colocou à beira da extinção em muitos outros. Visto como um elo fundamental da cadeia alimentar, os lobos têm sido objeto de medidas protecionistas, e uma perceção diferente deste animal tem ocorrido principalmente nas populações urbanas. Esta mudança tem mesmo desencadeado a possibilidade, ainda assim igualmente controversa, da sua reintrodução em países onde outrora existiu, motivada por um misto de razões, em que se cruzam o reconhecimento do seu papel ecológico, a necessidade de limitar populações de herbívoros com impactos significativos nos ecossistemas e nas atividades humanas produtivas e até uma espécie de remorso

compensatório que faça esquecer as atrocidades humanas para com eles em tempos nem sempre remotos. Por último, os morcegos talvez tenham sido dos animais mais perseguidos, fruto de mitos e superstições, alimentados pelos filmes de terror que os associam a vampiros. A sua presença em ruínas, grutas e locais recônditos completa o cenário de terror a eles associado. A percepção do seu papel ecológico tem vindo a possibilitar a melhoria da sua imagem, nomeadamente porque grande parte das espécies de morcegos são consumidoras de insetos. Paradigmática desta mudança em Portugal foi a medida de construir um morcegário para abrigar uma colónia de morcegos que vivia num das torres de Troia, na Península de Setúbal, que foi demolida por questões de ordenamento do território.

De qualquer forma, as percepções também variam entre culturas, e, dentro de uma mesma cultura, fatores como a idade, o género e as habilitações académicas são igualmente determinantes nesta variação, estando associado a este último fator o nível de literacia ecológica que cada um possui e que, se elevado, normalmente atenua atitudes aversivas, pautadas pela irracionalidade.

Descrição do presente estudo

O presente estudo teve como principal finalidade verificar, em simultâneo, a percepção que crianças do 1.º ciclo do ensino básico e estudantes do Curso de Mestrado em Ensino do 1.º e do 2.º Ciclo do Ensino Básico possuíam acerca de 25 animais diferentes. Visou ainda, após recolha dos dados, comparar essas mesmas percepções e envolver alguns dos estudantes em pequenos projetos que visassem a melhoria da imagem dos animais pior percecionados. Para tal, foi construído um questionário semelhante ao utilizado por Kellert (1989) para a realidade norte-americana em que crianças e adultos foram convidados a manifestar o seu grau de simpatia acerca de 25 animais através de uma escala que variava entre 7 e -7.

Do questionário original, para além da tradução, apenas foram substituídos alguns animais de forma a torná-lo mais familiar para a realidade portuguesa. Assim, o guaxinim, as doninhas fedorentas e o coiote foram substituídos pelo tigre, o urso e o javali, os dois últimos animais pertencentes ao elenco da fauna Ibérica, o salmão e a truta pelo bacalhau, e o pisco pelo pardal. Outras substituições e inclusões foram ainda consideradas: a baleia e o porco foram incluídos devido ao facto de serem também animais familiares; a vespa foi substituída pela abelha, por se pretender um animal que pudesse causar dano ao ser humano, neste caso picar, mas que apresentasse simultaneamente um valor instrumental decorrente da produção do mel

e da cera e, por último, a inclusão adicional da lagarta para além da borboleta já presente no questionário original, por se pretender incluir um mesmo animal em duas fases distintas do seu ciclo biológico.

O estudo envolveu 210 crianças de ambos os sexos a frequentar o 3.º e 4.º ano do 1.º Ciclo do Ensino Básico em cinco escolas diferentes (três na região de Lisboa e duas no Porto) e cuja idade mais frequente (moda) foi de 9 anos. As escolas foram escolhidas por nelas lecionarem professores cooperantes das instituições de ensino superior envolvidas. Todavia, as turmas selecionadas acabaram por não ser de professores cooperantes, essencialmente por se pretender crianças dos dois últimos anos do 1.º Ciclo, mais capazes de responderem com algum ritmo ao questionário apresentado e que se caracterizava por ter alguma dimensão. Foram também excluídas turmas cujos professores estivessem envolvidos em projetos temáticos relacionados com o bem-estar animal.

Os 82 estudantes do ensino superior, predominantemente do sexo feminino (79) e cuja idade mais frequente (moda) foi de 22 anos, foram igualmente inquiridos através do mesmo questionário. O facto de poderem vir a trabalhar com crianças dos mesmos anos de escolaridade das inquiridas foi o critério que motivou a seleção do ciclo de estudos mencionado.

Os questionários foram aplicados às crianças no final do ano letivo de 2010/2011 e o seu preenchimento durou em média perto de uma hora, após se ter procedido a uma breve explicação do seu teor. A aplicação aos estudantes do ensino superior decorreu no início do semestre do ano letivo de 2011/2012. Como se pretendia que uma turma de estudantes a frequentar a unidade curricular de Didática das Ciências da Natureza fosse ainda durante o 1.º semestre confrontada com a análise comparativa dos resultados obtidos nas duas amostras, o tratamento dos resultados ficou concluído em Novembro de 2011, o que possibilitou lançar aos estudantes o desafio de construírem em grupo pequenos projetos de intervenção que visassem melhorar a imagem dos animais pior classificados no *ranking* obtido.

O tratamento dos dados foi ao nível da estatística descritiva em termos do cálculo da média obtida por cada animal para cada uma das amostras já referidas, assim como do valor do desvio padrão respetivo.

Resta acrescentar que o questionário foi validado antes da sua aplicação por dois docentes da área da Didática das Ciências e que o mesmo foi pilotado antes da sua aplicação numa turma de crianças de uma outra escola. A pilotagem permitiu

confirmar que os objetivos do questionário foram facilmente compreendidos pelas crianças e que a escala de -7 a 7, após exemplificação do seu uso, não constituía nenhuma dificuldade. Apenas uma dificuldade inesperada foi detetada: várias crianças não sabiam o que era um abutre e, tal mais surpreendente, um pardal. Por isso, considerou-se que durante a aplicação seria conveniente ter uma imagem com cada um dos animais contemplados no questionário, mesmo daqueles que seria improvável as crianças não conhecerem. Estes cuidados não foram adotados para a amostra de estudantes do ensino superior por se terem considerado desnecessários.

Análise dos resultados

Os resultados obtidos para a amostra de crianças do 1.º Ciclo e para a amostra de estudantes do ensino superior encontram-se sistematizados na Tabela 1. A tabela contempla os *rankings* dos animais obtidos em cada uma das amostras e permite o conhecimento dos 25 animais contempladas no questionário, os quais ainda não tinham sido apresentados de forma completa (Tabela 1).

Tabela 1: Na tabela encontra-se o *ranking* dos animais obtido a partir da amostra de crianças do 1.º Ciclo e estudantes do mestrado em ensino do 1.º e do 2.º ciclo do Ensino Básico. Para além da média obtida por cada animal é também apresentado o valor do desvio padrão (d.p.)

Crianças do 1º ciclo (n = 210)			Estudantes do ensino superior (n = 82)		
Animal	Média	d.p.	Animal	Média	d.p.
Cavalo	6,30	1,40	Cão	6,01	1,92
Cão	6,07	2,30	Cavalo	5,59	1,99
Tartaruga	5,36	2,54	Cisne	5,00	2,43
Borboleta	4,94	3,50	Borboleta	4,86	1,91
Cisne	4,91	3,69	Elefante	4,67	1,80
Pardal	4,70	3,34	Tigre	4,56	2,75
Baleia	3,83	4,32	Urso	4,41	2,32
Elefante	3,81	3,96	Lobo	4,32	2,62
Tigre	3,28	5,01	Baleia	4,31	2,28
Águia	3,12	4,91	Tartaruga	4,19	2,21
Urso	2,17	5,06	Águia	3,58	2,45
Lobo	2,14	5,37*	Bacalhau	3,31	3,65
Bacalhau	1,91	5,10	Pardal	2,95	2,78
Morcego	1,07	5,56*	Porco	2,85	3,41
Lagarto	0,81	5,25	Javali	1,76	2,95
Porco	-0,38	5,05	Tubarão	1,18	4,41 *
Lagarta	-0,56	5,45*	Lagarta	0,15	4,25
Javali	-0,75	5,08	Abelha	-0,50	4,91 *
Abutre	-1,14	5,21	Morcego	-0,67	4,76 *
Tubarão	-1,59	5,66*	Lagarto	-1,24	4,15
Abelha	-1,82	5,03	Rato	-1,63	4,68 *
Cobra	-1,99	5,55*	Abutre	-1,93	3,83
Rato	-2,36	5,23	Cobra	-1,98	5,01 *
Mosquito	-4,38	3,63	Barata	-4,62	3,04
Barata	-4,95	3,30	Mosquito	-4,82	2,85

De seguida sistematizam-se alguns dos principais resultados, que acabaram por se revelar, de algum modo, surpreendentes, uma vez que se esperaria que a literacia ecológica dos futuros docentes conduzisse a diferenças bem mais significativas. De facto, verificou-se uma quase similaridade entre os *rankings* obtidos nas duas amostras, quer ao nível dos animais mais amados, quer ao nível dos mais odiados e ainda no que se refere aos animais com um maior valor de desvio padrão.

Ainda assim, importa assinalar algumas diferenças nos resultados das duas amostras. Foram eles: um melhor posicionamento do porco e do javali entre os futuros docentes, tendo obtido médias negativas entre as crianças, mas uma percepção mais positiva do morcego entre as crianças, que obteve uma média negativa entre os futuros docentes.

Os resultados confirmam também em ambas as amostras uma imagem positiva da baleia e do lobo, em conformidade com a melhoria salientada na simpatia para com estes animais ao longo das últimas décadas, mas, ainda assim, mais acentuada entre os futuros docentes. No entanto, os morcegos não seguem uma tendência similar nas duas amostras, pois não só obtêm uma média negativa entre os futuros docentes, como a sua média positiva entre as crianças não é particularmente elevada, o que evidencia uma recuperação mais lenta da sua imagem quando comparada com a dos outros dois animais já referidos.

De salientar também o posicionamento muito diferenciado em ambos os grupos em relação à borboleta e à lagarta, aspeto que se considera relevante, atendendo a que correspondem a duas morfologias distintas do mesmo ser. Assim, a lagarta obtém uma média consideravelmente mais baixa do que a borboleta, média essa que é mesmo negativa entre as crianças. A borboleta, pelo contrário, encontra-se em 4.^o lugar em ambos os *rankings*, entre os animais que merecem uma maior empatia, o que não deixa de ser igualmente relevante tratando-se de um inseto, um grupo taxonómico que não colhe por norma grandes simpatias (Kellert, 1980; Driscoll, 1995; Herzog, 2010). De salientar ainda que a abelha, apesar do seu potencial utilitário, obteve uma média negativa em ambas as amostras.

Por último, importa assinalar que a apreciação quantitativa que os inquiridos de ambas as amostras revelaram acerca de alguns animais foi muito discrepante, o que se traduziu por um valor elevado de desvio-padrão. Embora seja entre as crianças que o valor do desvio-padrão para alguns animais é maior, quando se analisam os cinco animais de cada amostra com um valor mais elevado neste parâmetro os resultados voltam a ser muito semelhantes. Morcego, tubarão e cobra são três dos animais que surgem nos dois grupos e apenas o lobo obtém um valor elevado de desvio-padrão entre as crianças, sem qualquer semelhança com o valor obtido entre os estudantes do ensino-superior.

Implicações didáticas dos resultados

Tal como foi dito anteriormente, os resultados obtidos e expressos na Tabela 1 foram apresentados a uma turma de estudantes de mestrado no âmbito da unidade

curricular de Didática das Ciências e que fizeram igualmente parte da amostra. Os resultados foram recebidos com perplexidade dada a sua similaridade e, uma vez constituídos 8 grupos de trabalho, a cada um foi atribuído um dos animais com pior posição do *ranking*, considerando ambas as amostras. Os animais que foram assim objeto de projetos que visavam a melhoria da sua imagem foram: a barata, a cobra, o rato, a abelha, o abutre, o tubarão, o lagarto e o javali. Apenas o mosquito ficou de fora por solicitação de um grupo que pediu para trocar de animal por incapacidade em conseguir encontrar as melhores estratégias e atividades conducentes à melhoria da percepção deste animal. Estes pequenos projetos de intervenção foram inseridos em unidades temáticas do 1.º ou do 2.º Ciclo, no sentido de potenciar igualmente a abordagem de conceitos científicos presentes nos programas oficiais.

De uma forma resumida, salientam-se algumas das principais estratégias/atividades contempladas pelos estudantes para a finalidade referida:

- Construção de fichas de trabalho que exploravam o papel ecológico dos animais e a razão de ser de alguns dos seus comportamentos. Por exemplo, a importância de seres necrófagos, como os abutres, a compreensão do voo irregular dos morcegos que assusta alguns seres humanos e que o interpretam como uma ameaça, ou ainda o significado dos banhos de lama dos porcos e javalis foram alguns dos aspetos explorados.
- Seleção de vídeos no *Youtube*, principalmente relacionados mais uma vez com o papel ecológico dos animais, mas também evocando o valor instrumental para o ser humano de alguns dos animais considerados. Nesta situação, a utilidade do veneno das cobras para fins medicinais foi particularmente enfatizada pelo grupo que trabalhou este animal, e até foram “descobertos” filmes que descreviam o uso medicinal que pode ser feito das baratas.
- Seleção de textos informativos diversos, pesquisados em livros, panfletos e na Internet. Estes textos, para além de contemplarem alguns dos aspetos já assinalados, foram também utilizados para ajudar a distinguir o papel de alguns animais nos ecossistemas, da situação em que se transformam em pragas quando se multiplicam desmesuradamente em meio urbano, fruto muitas vezes da forma pouco cuidada como as sociedades urbanas tratam dos resíduos sólidos urbanos ou das águas residuais.
- Seleção e apresentação de histórias escritas no âmbito da literatura para a infância e que apresentam os diferentes animais de forma positiva, valorizando-os pelo seu

mérito ecossistémico, independentemente dos processos linguísticos a que recorrem, nomeadamente a antropomorfização.

- Planificação de visitas de estudo para contato direto com alguns dos animais em destaque, e ainda a realização de entrevistas a pessoas que com eles se relacionam de forma mais direta. O contato direto com animais como as cobras e os lagartos ou os tubarões, porque sempre enquadrado com as características de cada espécie, visou não só melhorar o conhecimento científico acerca destes animais mas potenciar a sua apreciação estética em locais como o jardim zoológico de Lisboa e o Oceanário. No leque das entrevistas, destaque para o contacto idealizado com um apicultor, em que as crianças iriam não só poder formular as perguntas de uma hipotética entrevista, mas ainda poder assistir à sua interação com as abelhas, que tanto receio parecem provocar em muitos seres humanos.

Importa salientar que os trabalhos realizados não foram ainda explorados junto dos alunos destinatários, mas espera-se que alguns deles o possam ainda vir a ser durante os períodos de intervenção educativa que os estudantes vão realizar no presente ano. De qualquer forma, serviu para que os próprios estudantes concluíssem que muitas das suas perceções acerca de alguns animais eram infundadas e que, no caso de outros, se a empatia que os mesmos continuam a despertar neles não melhorou significativamente, toda a pesquisa realizada mostrou-lhes que o papel que desempenham na ordem natural justifica pelo menos a necessidade de não lhes causar dano de forma gratuita. Se a mensagem ficou verdadeiramente interiorizada é impossível sabê-lo, aspeto que aliás não difere substancialmente de tantas outras experiências educativas que são proporcionadas aos estudantes.

Referências bibliográficas

- Almeida, A. (2007). Abordar o tema “Animais” no Pré-Escolar: tendências e recomendações. P. Pequito, & A. Pinheiro (Org.). *Quem Aprende Mais? Reflexões sobre Educação de Infância* (pp. 561-568). Porto: Gailivro.
- Bjerke, T., & Ost Dahl, T. (2004). Animal-related attitudes and activities in an urban population. *Anthrozoos*, 17 (2), 109-129.
- Driscoll, J. (1995). Attitudes toward Animals: Species Ratings. *Society and Animals*, 3 (2), 139-150.
- Herzog, H. (2010). *Some we love, some we hate, some we eat*. New York: Harper Collins.
- Kellert, S. R. (1980). American attitudes toward and knowledge of animals. An update. *Journal of Study of Animal Behavior*, 1, 87-119.
- Kellert, S. R. (1989). Perceptions of Animals in America. In R. J. Hoage (Ed.). *Perceptions of Animals in American Culture* (pp. 5-24). Washington, D. C.: Smithsonian Institution Press.

Prokop, P., Kubiato, M., & Fančovičová, J. (2008). Slovakian Pupils' Knowledge of, and Attitudes toward Birds. *Anthrozoos*, 21(3), 221-235.